



## A DEMOCRACIA RACIAL EM DESFILE: CONCURSOS DE BELEZA NA DÉCADA DE SESENTA

*Joselina da Silva<sup>1</sup>*

*Maria Cleide Rodrigues Bernardino<sup>2</sup>*

**Resumo:** Este texto se propõe a discutir a representação racial da democracia brasileira, metaforizada em plenos anos de implantação da ditadura militar através dos concursos de beleza. Trata-se de uma reflexão ampliada da dissertação “Renascença, lugar de negros no plural: construções identitárias em um clube social de negros no Rio de Janeiro”. A análise foi construída a partir de entrevistas com mulheres e homens negros que frequentaram o Clube Renascença, nas décadas de cinquenta e sessenta. Esta é uma pesquisa em andamento no âmbito do Núcleo Brasileiro, Latino Americano e Caribenho de estudos em relações raciais, gênero e movimentos sociais (N’BLAC) da Universidade Federal do Cariri (UFCA).

**Palavras-Chave:** Beleza. Representação Racial. Renascença Clube.

## RACIAL DEMOCRACY IN PARADE: THE BEAUTY CONTEST ON THE DECADE OF SIXTY

**Abstract:** This paper aims to discuss the racial representation of Brazilian democracy, metaphorized in the years of implementation of the military dictatorship through beauty pageants. This is a magnified reflection of the thesis "The Renaissance, place of blacks in the plural: social identity constructions in a black club in Rio de Janeiro". The analysis was constructed from interviews with black men and women who attended the Club Renaissance, in the decades of fifties and sixties. This is a search in progress within the Brazilian Center, Latin American and Caribbean studies in race relations, gender, and social movements (N'BLAC), Federal University of Cariri (UFCA).

**Keywords:** Beauty, Racial Representation, Club Renaissance.

## LA DÉMOCRATIE RACIALE DANS LE DÉFILÉ: LES CONCOURS DE BEAUTÉ DANS LES ANNÉES SOIXANTES

**Résumé:** Cet article vise à discuter de la représentation raciale de la démocratie brésilienne, métaphorisé dans pleine année de implémentation de la dictature militaire à travers des concours de beauté. Il s'agit d'une réflexion agrandie de la dissertation “Renascença, lugar de negros no plural: construções identitárias em um clube social de negros no Rio de Janeiro”. L'analyse a été construit à partir d'entrevue avec des hommes et des femmes noires qui ont fréquenté le Club Renaissance, dans les années cinquante et soixante. Ce recherche est en cours au sein du Núcleo Brasileiro, Latino Americano e Caribenho de estudos em relações raciais, gênero e movimentos sociais (N’BLAC) da Universidade Federal do Cariri (UFCA).

**Mots-clés:** beauté. Représentation Raciale. Renaissance Club.

<sup>1</sup> Doutora em Ciências Sociais, pelo PPCIS (UERJ). Professora Adjunta de Sociologia da Universidade Federal do Cariri (UFCA).

<sup>2</sup> Doutora em Ciência da Informação, pela Universidade de Brasília (UnB). Professora Adjunta do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri (UFCA).



## LA DEMOCRACIA RACIAL EN DESFILE: CONCURSOS DE BELLEZA EN LA DÉCADA DE SESENTA

**Resumen:** Este texto se propone a discutir la representación racial de la democracia brasileña, metafórica en plenos años de implantación de la dictadura militar a través de los concursos de belleza. Se trata de una reflexión ampliada de la disertación "Renascença, lugar de los negros en el plural: a las construcciones de identidad social en el club negro de Río de Janeiro." El análisis se construye a partir de entrevistas con hombres y mujeres que asistieron negro que se iban a menudo en el club Renascença, en las décadas de cincuenta y sesenta. Esta es una pesquisa en andamio en el ámbito del Núcleo Brasileño, Latino Americano y Caribeño de estudios en relaciones raciales, género y movimientos sociales (Nº BLAC) de la Universidad Federal do Cariri (UFCA).

**Palabras-clave:** Belleza, Representación Racial, Club Renascença.

### INTRODUÇÃO

Os concursos de *misses*, tão populares até a década de sessenta, servem também, para pensar a sociedade brasileira nas suas atitudes raciais. Vigarello (2006) referindo-se aos concursos de beleza lembra que o momento de grande expansão deu-se entre as duas guerras mundiais (1918/ 1939). O autor enumera os eventos Miss América (1921), Miss França (1928), Miss Europa (1929) e Miss Universo (1930). Aponta ainda que, a utilização da palavra MISS - embora os certames não acontecessem apenas nos EUA - já permitia perceber uma forte influência estadunidense com a presença cada vez mais representativa da indústria cinematográfica. “Os modelos tomam corpo e libidos, quantificados, aparentemente ‘democratizados’ nas competições regulamentadas” (VIGARELLO, 2006, p. 233).

A obra também aponta as comoções e tensões provocadas pelas competições de beleza. Por um lado, tínhamos as feministas denunciando o utilitarismo sobre o corpo da mulher. Por outro, havia também, grupos que acreditavam na exacerbação entre “sedução e prazer” e ainda alguns que se referiam às técnicas eugenistas de avaliação da beleza. Segundo o autor, das muitas interpretações sobre os concursos de beleza, sagrou-se vitoriosa aquela em que os mesmos eram percebidos como vias de ascensão social, de sucesso e propiciador de glorificação das mulheres tornadas vedetes pela mídia da época. Revistas francesas de destaque no país em 1939, davam grande cobertura aos comportamentos (viagens, visitas, casamentos) de atuais e ex-vencedoras do campeonato nacional.



Uma das primeiras menções a concursos de beleza encontradas por Lopes (2002) na imprensa negra paulista, foi no jornal ‘O Getulino’ divulgando um evento ocorrido em Campinas (SP) publicado em 1923. A segunda competição desta natureza foi na capital do Estado, sob a coordenação de outro periódico, da comunidade negra, ‘O Progresso’, em 1930 (LOPES, 2002). Por sua vez, desde a década de quarenta, o Teatro Experimental do Negro já realizava dois certames nesta direção: ‘Rainha das Mulatas’ e ‘Boneca de Pixe’ que tinham como objetivo “reeducar o gosto estético (dos negros) pervertido pelas pressões e consagração dos padrões brancos” (MENDES, 1993). Cinco destes eventos foram organizados pelo grupo (DOMINGUES, 2011).

A partir do final da década de quarenta, o cenário brasileiro foi marcado por grandes mudanças. Um proletariado negro começava a surgir devido à industrialização do país e à entrada para o serviço público. Uma forma de organização constituída a partir do direito ao lazer e ao espaço associativo, tornou possível a criação de clubes sociais negros em diversos pontos do território nacional. Surge, no Rio de Janeiro, o Renascença Clube. Uma de suas grandes inovações foi incluir uma representante sua no desfile de *misses*, da antiga capital do país.

Já em São Paulo, nos anos sessenta, o Clube 220 - constituído por operários negros - instituiu o concurso ‘Bonequinha do Café’ (FELIX, 2009). Durante vários anos, a eleita recebia o prêmio, segundo Felix (2009) no dia 13 de maio - em comemoração à Abolição da escravatura - em frente ao Monumento em Homenagem à Mãe Preta, no pátio da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos homens Pretos, na cidade de São Paulo. O autor relata que em 1977 - em plena Ditadura Militar e um ano antes do histórico manifesto no Movimento Negro Unificado (MNU)<sup>3</sup> - o evento foi assistido pelo então presidente militar General Ernesto Geisel, o prefeito da Cidade e outras autoridades (FELIX, 2009).

Percebe-se, desta forma, a significativa representação simbólica e política daquele episódio mediante a presença das autoridades locais e nacionais. Aliado a isto, via-se a entrega de um prêmio que reunia uma classe média negra, louvações à escravidão e ao lugar de servitude da mulher negra (o monumento à Mãe Preta<sup>4</sup>). Vale observar que campeavam as noções de que a democracia racial era o que nos tornava

---

<sup>3</sup> Ato público organizado em São Paulo contra o assassinato de um jovem negro, na cidade. O evento deu origem ao **Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial** (MNU).

<sup>4</sup> O monumento volta-se à babá negra escravizada responsável pela criação dos filhos dos fazendeiros. Foi inaugurado no aniversário da cidade, em 1955. FONTE: [www.monumentos.art.br/monumento/mae\\_preta](http://www.monumentos.art.br/monumento/mae_preta)



diversos, na sociedade mundial. Complementava aquele ideário a representação do dia 13 de maio como uma data histórica, para a população negra liberta e feliz, a partir da benesse da Princesa Isabel, mediante a abolição da escravatura<sup>5</sup>.

Ocorre que (Felix, 2009) a premiação foi assistida por um grupo de ativistas do movimento negro descontentes com as relações entre negros e brancos no país e desejosos de tornar pública a existência do racismo. Marcantes iniciativas emanadas da plateia presente puseram a termo a harmonia reinante no ambiente. Felix (2009) relata que dois grupos tomaram decisões que iriam marcar para sempre aquela solenidade. Um cartaz foi aberto contendo os seguintes dizeres: “*Abaixo o Racismo Brasileiro*”.

Outra ação foi a tomada do palco e a leitura de um manifesto denunciando as condições em que se encontravam a população brasileira. Desta forma, a cerimônia de reafirmação de uma beleza negra, acabou servindo como cenário para uma das manifestações do período militar. Bem se vê, como afirma Cohen (1996), que o concurso de beleza diz mais de representação da sociedade em que está inserido, do que de beleza propriamente dita.

Seguindo nesta mesma linha de análise Adelman e Ruggi (2007) observam que tratar de “beleza, aparência, força física, a fragilidade, e a qualidade de ser sexualmente atraente” precisa estar inserido em uma reflexão que os veja como algo independente de aspectos que tradicionalmente são vistos como da seara da individualidade. Lembram as autoras que todos estes - em nosso caso ressaltamos a beleza - aspectos inserem-se num tecido social e cultural. Portanto, influenciados por tempo histórico, classe social, raça e gênero, entre outros.

### **O CLUBE RENASCENÇA: REFERÊNCIA DE BELEZA NEGRA**

Os fundadores do clube almejavam galgar postos na sociedade, antes reservados apenas aos brancos e buscavam competir em iguais termos de condições no mercado formal e na vida social da cidade. Queriam ser visíveis, ser aceitos, inserirem-se. A educação formal e comportamental era, para o grupo, a grande solução contra o racismo. O Renascença Clube foi concebido como uma tentativa de inclusão social do negro, nos anos 50. Estratégia esta, já utilizada em décadas anteriores, como por

---

<sup>5</sup> Estes fatos ocorreram antes da construção de Zumbi, como referência de antissubmissão e como herói nacional, a partir dos anos setenta.



exemplo, em Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul, com o Clube Floresta Aurora; em Campinas, São Paulo, com a Sociedade dos Negros e, no Rio de Janeiro, posteriormente, com o Clube Palmares, em Volta Redonda, em 1965. É neste ambiente de organização coletiva dos afro-brasileiros em diferentes pontos do território nacional, após a II Guerra Mundial, que surge o Renascença Clube, que segundo relatos colhidos, nas entrevistas, propunha-se a ser um lugar onde “*you could converse with your peers in a local, in a club*” (Sebastião, 70 anos).

A experiência do clube social para os negros médios, pode ser entendida com uma forma de insurgência contra o *status quo*. O clube era a oportunidade de mostrar à sociedade dos anos cinquenta e sessenta o poder econômico de um grupo de negros emergentes. Como deixam transparecer as palavras de uma das entrevistadas:

[...] prá não pensar que o negro, não era só de samba. O negro não era só de bater tamborim e futebol [...] o Dr. Oscar, o idealizador do clube, era orgulhoso em querer que o negro tivesse mais alto, cada vez mais alto. Entendeu? Então ele disse que, se pela cor a gente não poderia entrar em lugar nenhum, pelo menos pela cultura teria que entrar (Geisha, 60 anos).

Segundo os entrevistados, o clube foi fundado para ser um espaço lúdico e de lazer para os negros médios, seus filhos e amigos próximos. O clube propiciava um espaço de construção da autoestima dessa classe emergente. Após terem sido impedidos de ingressar numa festa de um famoso clube carioca, frequentado pela classe média do Rio de Janeiro, que na época não permitia o ingresso de não brancos, um grupo de três negros e suas respectivas esposas, decidiram fundar um clube próprio, onde eles e seus filhos não fossem discriminados.

A reação ao preconceito racial vai, então, possibilitar o nascimento, em 17 de fevereiro de 1951, do Renascença Clube, em uma casa modesta, à Rua Pedro de Carvalho, no Méier. Casa de um andar composta por uma saleta e um quintal, sem espaço para uma quadra de esportes (BARBOSA, 1983). As reuniões anteriores feitas em casa dos diversos membros da futura diretoria passaram a acontecer no Méier, com a aquisição da primeira sede. Os relatos deixam transparecer uma história vivida num passado que quase nos ilude, como se fora mais recente. As datas são quase que esquecidas, mesmo quando perguntadas. O tempo social a que se refere não se coaduna com o tempo cronológico real. Quarenta, trinta, vinte ou dez anos decorridos não significam o fator predominante, porque as experiências vividas estão circunscritas a uma memória recente (HALBWACHS, 1990). O que realmente parece importar aos



entrevistados são os momentos experimentados, em detrimento do período de sua ocorrência: “Eu cheguei ao Renascença, tem trinta e [...] trinta e sete anos. Vai fazer trinta e oito. Meu filho, Marcílio, estava com quatro meses de nascido e ele vai fazer trinta e oito. Não me lembro o ano não” (Dinah, 74 anos).

O clube passa a ser então um lugar para além do convívio social de sua sede. Amplia seus limites fora dos muros, chega às casas e passa a conviver com a vida de seus membros. A memória do clube acaba sempre entrecortada por memórias individuais da vida dos entrevistados, e esta, com a primeira. A linha que divide a memória individual e a memória coletiva estabelecida a partir do clube, se existe, é muito tênue e rompida constantemente. Num mesmo momento em que o relato refere-se ao clube, a vida individual e familiar interfere no resgate da memória. Assim, ao falar de si, o Renascença invade os acontecimentos e lá permanece até que a memória individual volta a se apresentar (HALBWACHS, 1990).

A experiência de discriminação sofrida pelos fundadores e que vai ensejar a criação do clube ultrapassa a memória dos que a sofreram e passa a fazer parte do relato das gerações seguintes. Embora não tivessem vivenciado o impedimento de ingresso no famoso clube carioca, a memória dos fatos que foi relatada pelos mais velhos, vai servir como uma espécie de pano de fundo a justificar as ações dos que se chegam ao clube posteriormente. A memória de um acontecimento vivido pelos velhos fundadores se insere na história do clube e se integra à memória individual das gerações futuras do Renascença. A perpetuação da memória coletiva se dá na medida em que esta se transforma em várias memórias individuais, que se faz possível por encontrar em cada jovem um sentimento de rejeição, uma vez que todos já reconheciam a dificuldade de ingressar em determinados espaços da cidade:

Esse espaço do Renascença foi importante muito no sentido de me reconhecer, me perceber enquanto mulher negra que deveria estar lutando todo dia, tendo que enfrentar o preconceito. Esse espaço foi importante para mim no sentido de me perceber enquanto mulher e negra. Não havia não falar. Não havia tentativa de se escamotear que havia e há discriminação racial. Eu vivia de várias formas e via minha mãe muito numa posição ferrenha de luta e de briga, prá garantir e reivindicar um espaço que era nosso. De estar numa escola em que a maioria não era negra (Marisa, 53 anos).

As várias memórias individuais só se transformaram em uma coletiva, uma vez que todos já reconheciam que alguns espaços sociais da cidade lhes eram vedados, por serem negros. "É esse passado vivido, bem mais do que o passado apreendido pela



história escrita, sobre o qual poderá mais tarde apoiar-se sua memória" (HALBWACHS,1990, p. 60). Mesmo não tendo sido eles mesmos impedidos de ingressar, sabiam de ouvir contar. Sem obedecer a um didatismo estas conversas formais eram assimiladas pelo corpo de associados, a ponto de, mesmo passadas cinco décadas, ainda serem lembradas (HALBWACHS,1990). Ao mesmo tempo, o clube era um estimulador à ascensão social de seus membros, à medida que funcionava como espelho a refletir principalmente sobre os jovens. Talvez a marca mais notadamente impressa nos participantes tenha sido a construção e a manutenção de uma identidade positiva enquanto pessoa negra, o que os possibilitou buscar incluírem-se como cidadãos de classe média no tecido social da cidade.

Neste sentido, as mulheres, maioria de nossas entrevistadas, tem no Renascença Clube um lugar de construção de raça e gênero. Pertencer ao clube significava - para a sociedade dos anos cinquenta - que se tratava de uma mulher negra, considerada bonita e de “boa” família.

Ao criarem seus próprios paradigmas de conduta e valores, buscavam reproduzir os existentes e, assim, se igualarem aos diferentes. A euforia, o sucesso e a certeza de realizações futuras marcaram os fundadores e frequentadores neste período (anos cinquenta). Afinal, tratava-se da oportunidade única, para a maioria, de estar entre os iguais. Mesma faixa etária, formação moral e intelectual, classe social e aspirações sociais. E para as mulheres jovens, havia ainda a beleza, como referencial.

E ia muita gente mas, era muito bem freqüentado, inclusive as mulheres negras simples, empregadas domésticas. Elas não se sentiam bem de ir e se envergonhavam de ir no clube porque achavam, inclusive ainda chamavam o clube, de gente de negros ricos. As pessoas mais simples, eles não iam, não sei se de vergonha e eles não tinham assim quem as levasse. Mas o clube, as pessoas que fundaram o clube não fundaram com a intenção de humilhar ninguém, nem o branco nem o preto (Geisha, 64 anos).

Além de ser um espaço de lazer, o clube passou a ser um lugar de estímulo à ascensão intelectual e social dos seus frequentadores, especialmente os jovens. Nesta busca, a educação, entendida como formação educacional e profissional, passava a ser o pilar mestre para a inclusão social. A obtenção de um diploma de nível universitário era entendida como uma das grandes soluções para a mudança da condição em que se encontravam os afro-brasileiros. Havia uma pequena biblioteca no clube e uma ajuda por parte do Dr. Assis, Fundador e Presidente, para que os jovens, que não pudessem adquirir determinados livros escolares, fossem auxiliados por alguns sócios mais velhos.



Na busca da afirmação da ascensão social, estava também o casar-se com pompa nas igrejas católicas frequentadas pela classe média, os chás beneficentes, tão em moda nos clubes da época, e o ingresso da Rainha do Clube no Tradicional desfile Miss Distrito Federal em 1959, até então só frequentado por moças brancas. Desta forma, ser aceito pela sociedade dominante significava reproduzir lhe os hábitos e costumes. Esta fase, que poderia ser definida a partir da fundação, 1951, até o ápice dos desfiles das *Misses*, durou cerca de dez anos.

### UM SONHO DE RAINHA PARA AS JOVENS NEGRAS

Vigarello (2006) reflete que Hollywood ao espetacularizar as atrizes e vedetes, constituídas como seres longínquos, silfídicos, silhuetas e maquiagens preciosas e perfeitas, impõe sistemas e sonhos a uma plateia - feminina em sua maioria - extasiada que acaba por democratizar a vontade. O cinema, então, ao tornar real o irreal passa, segundo o autor, a “projetar as silhuetas como mensageiras da beleza” (VIGARELLO, 2006, p. 235). O encanto das estrelas cinematográficas transforma-se então, na referência perfeita a ser perseguida por mulheres em todo o mundo. Logo, os certames irão procurar nas jovens reais - em desfile - a idealizada beldade presente nas telas.

Nos anos sessenta, nos EUA - período da eleição das misses no Renascença Clube, no Rio de Janeiro - os padrões europeus atuavam sobre mulheres negras e brancas. As últimas eram - de acordo com os moldes vigentes - ressaltadas como objetos de consumo, nos filmes, nas revistas, na televisão, nos comerciais. As mulheres negras eram excluídas, na maioria das vezes, ou apresentadas como não portadoras de formosura. Neste sentido, os concursos de beleza específicos para mulheres negras tornaram-se parte integrante - lembra o autor - das estratégias de construção de um orgulho racial (VIGARELLO, 2006).

Um dos marcos dos concursos de beleza negra, nos EUA, pode ser reportado como aquele realizado pelo *National Association for the Advancement of Colored People* (NAACP), em 1968 com a criação do concurso Miss Black América, gerado como forma de protesto, mediante a ausência de mulheres negras no concurso Miss América (CRAIG, 2002). Durante décadas de 1968 a 2011 - e com o apoio de famosos afro-estadunidenses -, este foi o local de visibilização positiva e constituição de uma



identidade negra, para um número expressivo de jovens mulheres negras no país (CRAIG, 2002).

Ao final da década de cinquenta, uma nova fase começa a ser gestada no Renascença. Associa-se ao clube Dinah Duarte, famosa cabeleireira junto às mulheres negras, conhecida na cidade por fabricar um produto específico para alisamento de cabelos crespos. Uma das ideias trazidas por ela foi a de organizar desfiles de beleza com as filhas dos sócios. Embora, nas festas domésticas do clube estes desfiles já fossem habituais, Dinah inova ao transformá-los num acontecimento público de grande monta. Ousando ainda mais, Dinah sugere a inclusão de uma representante do Renascença no desfile oficial de Miss Distrito Federal<sup>6</sup>.

Então em 1959, foi feita a primeira eleição pra rainha do clube. Eles tinham umas 4 ou 5 candidatas, eu fui eleita rainha. Naquela época todos os clubes tinham uma rainha, então havia intercâmbio entre os clubes, mas tudo isso era muito curioso para o jovem de hoje em dia. Até acha graça, porque era acompanhado do pai e da mãe. Então por exemplo, mandava um convite formal para a presidência do clube, convidando pra que essa rainha comparecesse à festa, à solenidade, que seria homenageada a diretoria. Então ia a diretoria, ia a rainha, ia o pai, a mãe (Geisha, 60 anos).

A inclusão das moças do Renascença nos grandes concursos de beleza era uma tentativa de visibilização da beleza da mulher negra carioca, até então considerada inexistente. O que dá ao ritual dos concursos no clube - ritual no sentido colocado por DaMatta (1979) - um aspecto ainda mais marcante que nas demais agremiações. Era a racialização adquirida por este diante da sociedade fluminense, como podemos observar na fala de Vera Lúcia Couto, que veio a ser miss posteriormente:

Esses grandes magazines que haviam na época, como Lojas Americanas, Sloper. Eles não contratavam vendeurs negras, não é? E então, depois da minha eleição foi que eles começaram a contratar, fazendo até a apologia da Miss Guanabara, da Miss Renascença. Botavam assim as mocinhas bem maquiadinhas na frente do balcão, o que não acontecia antes da Miss Renascença. Eu acho que guardadas as devidas proporções na época, o Renascença lançava a moda como atualmente as novelas na Rede Globo hoje lançam moda também. Essa minha participação no concurso, com a modéstia que você me permite, eu acho que foi bastante forte. Abriu caminho para muita coisa (Vera, 56 anos).

As revistas da época, através da fala de seus articulistas, denotam surpresa pela presença de uma representante, insistentemente chamada de mulata. Conceitos como democracia racial, miscigenação e a ausência de conflitos raciais subjazem as diversas

---

<sup>6</sup> Vale lembrar que o Rio de Janeiro era a capital do país, à época.



matérias. Cohen (1996, p. 2) assevera que “é nos concursos de beleza que as identidades podem e são frequentemente tornadas públicas e visíveis”. Assim sendo, os concursos de *misses* mais do que falar de beleza, falam de aspectos diversos da sociedade (COHEN,1996).

O Renascença era considerado, nessa época, um clube elitizado. As mulheres, os rapazes, iam muito bem vestidos. Se tinha uma festa hoje e elas iam com um vestido, elas não repetiam no próximo sábado. (Sebastião, 70 anos).

Note-se que estamos abordando um período anterior ao movimento do *Black is Beautiful* nos EUA, responsável por introduzir, em esfera mundial, um conceito de beleza negra voltada para as raízes africanas da população e que, só a partir da década de setenta, começou a ter maior influência no Brasil. De modo similar, a beleza negra da qual falamos aqui deve ser entendida como aquela que difere da que passaram a tratar os blocos afros (sobretudo os baianos), nas décadas posteriores (RISÉRIO, 1981). A resposta de “beleza própria” encontrada, nos anos sessenta, residia em ter os cabelos ‘feitos’ no salão da Dinah Duarte<sup>7</sup> e usar uma roupa do *atelier* da Madame Isabel. Ambas, Dinah Duarte e Madame Isabel Garcia, uma na cabeça e outra na alta costura, davam a última palavra em moda para as mulheres, daquelas famílias negras emergentes. Nacif (2006) lembra que o Rio de Janeiro, sobretudo na primeira década do século XX notabilizou-se por ser a capital da moda inspirada nas referências estadunidenses e europeias da época. Neste sentido, as modistas, senhoras que faziam alta costura por encomenda, tinham seus ateliês, como referência de ascensão social. A classe média negra, a qual nos referimos aqui, também possuía seus valores de inserção numa cultura da moda. Na capital Federal, Madame Garcia, famosa modista negra, era buscada pelas mulheres negras aqui abordadas.

O ano de 1959 marca o início da presença negra nos desfiles oficiais para a escolha da mais bela representante do Distrito Federal, indicada pelo Renascença Clube. Embora o clube já houvesse realizado concursos e desfiles, alugando para tal a sede de outras agremiações, a esta altura, continuava ainda na pequena sede do Méier (bairro do subúrbio da Capital Federal). A primeira representante a subir na passarela do concurso e mostrar o contraste da raça negra, em presença de outras desfilantes, foi Dirce Machado. Em 1960, surge o concurso Miss Estado da Guanabara, Iara dos Santos se

---

<sup>7</sup> Dona Dinah Duarte era uma referencial cabelereira, que se tornou famosa por criar um produto específico para alisamento dos cabelos das mulheres negras, da cidade.



tornou a primeira Rainha Renascença a desfilhar no Maracanãzinho, no concurso Miss Guanabara, noticiada como trajando um vestido todo bordado em ouro e prata.

A sua participação no concurso fez voltarem-se os olhos da imprensa e da sociedade Carioca para o Renascença Clube. Este passa a ser notícia nos jornais e revistas da época. Personalidades do mundo político e artístico frequentam o Renascença, que até ali era um clube de famílias negras e seus amigos. A partir de então, as filhas dos sócios, já não exporiam sua beleza apenas nos desfiles organizados pelas senhoras do clube, mas sim para a sociedade carioca. As falas dos entrevistados e as fotos da época mostram a presença de autoridades das três esferas governamentais, nas atividades na sede. Das diversas fases do clube, este foi o momento de seu ápice em termos de divulgação e frequência. Todas as festas eram marcadas pela superlotação.

Em 1962, Carmen foi a representante do clube e, em 1963, Aizita Nascimento ficou em sexto lugar apesar da solicitação do público para que fosse a vencedora. Ou seja, embora a plateia que lotava o estádio do Maracanãzinho<sup>8</sup> estivesse a seu favor, o júri não permitiu que se sagra-se campeã. A imprensa da época está recheada de citações a respeito das moças do Renascença, realçando o aspecto racial que as distinguia das demais.

Havia uma mulata do Renascença Clube na passarela do Maracanãzinho. Uma cara bonita, com um sorriso desses que dão vontade de pegar a mulher no colo e sair com ela sorrindo entre filas de angustiados vencidos [...]. Não poderia vencer o primeiro lugar porque havia outras de corpo mais bem feito e de rosto igualmente bonito e certamente mais harmonioso. Era um pouco baixa e pecava também por aquele excesso característico da acima referida espécie de formigas<sup>9</sup> (PONGETTI, 1963, p. 10).

Alguns dos referenciais aspectos a serem considerados no entendimento das sociedades ocidentais modernas e pós-modernas, lembram Adelman e Ruggi (2007) são os códigos e padrões ali desenvolvidos no que se refere aos sentidos atribuídos aos corpos contextualizados historicamente nos recortes da classe, raça e gênero. Podemos, portanto, pensar que é na coletividade estabelecida pela sociedade que estas categorias tomam ares de realidade. Posicionando o corpo, portador de beleza (entendida aqui como uma construção social) num padrão carregado de simbologias que atraem hierarquias (mais bela ou menos) e status social (classes sociais diferentes serão

---

<sup>8</sup> Maracanãzinho é um ginásio inaugurado, no Rio de Janeiro, Brasil, em 1954 com o nome *Ginásio Gilberto Cardoso*. Possui capacidade de 11.800 espectadores. Os certames de beleza eram todos realizados ali, nas décadas de cinquenta e sessenta. Fonte: <http://pt.wikipedia.org>

<sup>9</sup> O autor faz referência à uma espécie de formigas tanajuras.



representadas por corpos diversificados) sexo (corpos femininos e corpos masculinos ocuparão posicionalidades diferenciadas) e de raça (absorvem categorias racializadas já estabelecidas na sociedade em questão). É deste lugar que podemos analisar a fala do articulista acima recortado, quando se referindo ao corpo da mulher negra desfilante e a animaliza comparando-a a um tipo de formiga, na alusão ao seu formato de corpo.

A atenção centrada na beleza das jovens negras, denominadas de misses e ou rainhas, constrói uma maior visibilidade positiva dos negros na mídia da época. Ao ser representante eleita para o exterior, Vera é transformada em bandeira de identidade nacional, dividida nas três raças formadoras, já que em 1964, foi eleita Miss Brasil I, uma loira do Sul, a número dois foi uma morena do nordeste e Vera a “mulata” do Rio de Janeiro. “As marquises do Maracanãzinho [onde se realizavam os concursos] vão estremecer quando Vera Lucia Couto passarelar toda a sua exuberância cor de jambo” (JORNAL CORREIO..., 1964, p. 3). A grande publicidade recebida pelo clube na década de sessenta e setenta, fomenta o ingresso de não negros, nas festas públicas e atividades mais domésticas.

O estranhamento e a surpresa iniciais, causados pelo desfile de uma não branca num concurso de beleza, foram se dissipando com o passar dos anos até que em 1964, Vera Lúcia Couto, a quinta Rainha Renascença a disputar o Miss Guanabara, já era apresentada pela imprensa local como a grande favorita ao título de beleza máxima do Estado, semanas antes do concurso. “No sábado da eleição de Miss Estado da Guanabara, além de ser apontada como certa entre as dez finalistas, Vera tem sua foto encimando a seguinte legenda: *Uma Nova Renascença*” (JORNAL CORREIO..., 1964, p. 4).

Eu acho assim que a minha eleição foi uma luta, uma pressão da imprensa. Eu acho que eu devo muito à imprensa que me deu um destaque muito grande. E acho que em função disso as pessoas se conscientizaram que eu poderia ser a miss Guanabara. Eu hoje já sou uma senhora [...] eu acho que já me permito dizer. Eu acho que foi realmente porque eu era uma moça bonita. Acho que eu era a mais bonita de todas na época. Tinha umas bonitas pernas, um bonito corpo, uma postura. Na passarela muito digna. Acho até que a passarela pesou muito prá mim. Talvez até mais que a beleza (Vera, 56 anos).

Esta fala do articulista, após ter sido membro do júri naquele ano e a de Vera Lúcia Couto, décadas após, demonstra uma certeza diante de seus dotes físicos mediante outros candidatos. Nesta direção a racialidade que poderia impregnar o resultado de



forma positiva ou o seu inverso é desaparecida. Prevalece a justeza do resultado adquirido diante da indubitável beldade.

Eleita Miss Estado da Guanabara, Vera passa a ser aceita em lugares onde antes os negros não eram recebidos<sup>10</sup>. Mesmo assim, diferentes setores da população não aceitaram a sua vitória.

Evidentemente que tem os prós e os contras. Eu sofri muito daquelas pessoas racistas, que forçavam uma barra danada. ‘Sai daí sua neguinha, o seu lugar é na cozinha.’ Tinha um vizinho, uma vizinha no Grajaú: ‘Só no Brasil é que acontece essas coisas, uma negra ir para os Estados Unidos representar a mulher brasileira’. Tinha essas coisas assim, mas, por outro lado, a maioria das pessoas foram assim, gentilíssimas. Não foram generosas, não. Foram gentilíssimas. Aceitou muito bem (Vera, 56 anos).

O concurso Miss Brasil elegia três moças: a primeira representava o país no concurso Miss Universo em Miami; a segunda ia disputar Miss Mundo em Londres e a terceira viajava para Long Beach, nos EUA, para o Miss Beleza Internacional. Vera Lúcia Couto foi eleita Miss Guanabara e depois Miss Brasil III, foi a grande sensação, em Long Beach. Pela primeira vez, uma não branca era incluída entre as quinze semifinalistas (REVISTA O CRUZEIRO, 1964a, p. 2). Classificada em terceiro lugar e tendo sido eleita Miss Fotogenia, a população do Rio de Janeiro a ovacionou desde o aeroporto do Galeão até o subúrbio do Méier (pouco mais de vinte kms de distância). Naquele ano, as outras duas representantes brasileiras, Miss Brasil I e II, regressaram sem nenhuma premiação, o que transformou Vera Lúcia em heroína nacional.

Atraídas pelo sucesso alcançado por Vera Lúcia Couto muitas jovens negras vêm no Renascença a chance de um “lugar ao sol” nas carreiras de modelos, atrizes ou dançarinas. A chegada da fama e o reconhecimento da mídia trouxeram em seu bojo, o conflito para o interior do clube. As famílias sentiam ameaçadas as suas filhas por estarem sendo confundidas com moças à procura do estrelato e da carreira artística. À medida que o clube crescia na mídia, antigos sócios e muitos dos fundadores se afastavam acreditando que o mesmo houvesse se distanciado do seu projeto inicial. Havia um preconceito corrente entre os antigos associados contra as mulheres que naquele período se aproximavam do grupo. Se até aquele momento tivera seus valores voltados para à família e ascensão social através da educação, formação intelectual e

---

<sup>10</sup> Após ser eleita a segunda Miss Brasil, Vera Lúcia Couto ganha um título de sócia do Clube Quitandinha, na cidade de Petrópolis. À época, tanto este clube quanto a cidade eram reduto de uma poderosa classe economicamente abastada e branca. Foi fotografada fazendo equitação. (Revista O Cruzeiro, 1/8/64. Ano XXXVI, n. 43. pág. 25.) O simbólico da foto é o fato de ser este o esporte dos ricos.



comportamento de acordo com as normas sociais vigentes, viu-se repentinamente "invadido" por pessoas estranhas ao seu habitual corpo de frequentadores.

O Renasença passou a ser celeiro de Mulatas. Todas as mulatas que queriam se projetar na vida artística, começaram a procurar o Renasença. Quem desejava contratar mulatas para filmes e para o show Business ia ao Renasença (Edna, 59 anos).

Os desfiles de beleza foram na verdade uma influência chegada ao clube, vinda através dos meios de comunicação, uma vez que estes eram grande moda na década de 60. As edições mensais da revista Manchete, do ano de 1962, registram os seguintes concursos de beleza: Miss Universo, Miss Mundo, Miss Brasil, Miss Guanabara, Miss Aeromoça, Miss Primavera do Estado da Guanabara, Miss São Paulo e Miss Verão, entre outros. Em nosso país, as representantes dos Estados, que conseguiam chegar ao concurso Miss Brasil, traziam em sua bagagem, maiôs, os trajes típicos e os vestidos de noite. Ademais, alimentavam os sonhos de serem transformadas em deusas da beleza e, assim, auferir ganhos com contratos para fotos comerciais ou encontros com personalidades e autoridades políticas.

Naquelas décadas, como analisa Oliveira (2007, p. 293) um moderno conceito de beleza e um novo formato de corpo estavam sendo forjados, sobretudo através de uma forte influência midiática. Assim, ainda de acordo com Oliveira (2007), tanto na metade da década de cinquenta e a primeira parte da seguinte viram ampliarem-se no Brasil, as propagandas de cosméticos e de produtos relacionados à nova noção de cuidados corporais. Até ali, a beleza era tratada como uma dádiva, com a qual contavam apenas aquelas que a haviam recebido. A ideia de uma beleza feminina a ser construída a partir de padrões estabelecidos era uma novidade naqueles tempos (OLIVEIRA, 2007).

A imagem da mulher silfídica - como apontada em Vigarello (2006), referindo à indústria cinematográfica de décadas anteriores - era agora materializada e tornada "acessível" através dos produtos de beleza que ensinava as mulheres a "cuidar" de partes mais visíveis do corpo. Assim, cabelos, mãos e pele (branca) eram os grandes alvos das propagandas de beleza. Neste cenário, as misses eram imediatamente associadas à modelos ideais, como portadoras destes produtos. O comercial famosos creme que carregava o nome de Helena Rubinstein a apresentava como o produto para as misses e das estrelas.

Com alguma sorte e muita probabilidade, o coroamento deste um ano de



glamour seria o casamento com alguma representação real do príncipe encantado (as *misses* quase sempre se casavam com algum jovem rico e de família tradicional)<sup>11</sup>.

Logo se vê que este deveria ser um sonho acalentado por muitas adolescentes em toda a cidade do Rio de Janeiro, até então, Estado da Guanabara. As representantes dos subúrbios cariocas competiam com iguais oportunidades no desfile Miss Guanabara. Tudo começava com o ingresso num clube de bairro, a candidatura ao seu concurso de rainha e, uma vez saindo vencedora, ser representante deste no desfile estadual. Tradicionalmente as mulheres, que não fossem loiras ou morenas, não tinham oportunidades de serem incluídas, por duas razões mais imediatas: a primeira se refere ao fato de que o imaginário do belo e o ideal de beleza, no país, estavam identificados com um padrão ariano. Uma sociedade que via os negros como tipos inferiores e aos mulatos como tipos em via de aperfeiçoamento, logo transitórios, não poderia identificar-se com qualquer beleza que não aquela representativa do tipo ideal, ser branca, preferencialmente loira.

A segunda razão consistia no fato de que, como às negras não era permitido o acesso aos quadros de sócias dos diferentes clubes, estava criada a barreira que as impediria de almejar o brilho das luzes e flashes dos fotógrafos. Às negras, portanto, era vedado o direito de sonhar. Estes concursos foram responsáveis por projetar, no cenário da fama, moças das mais recônditas regiões do país.

Neste sentido, a presença da Miss Renascença na passarela, transcendia a figura dela em si. O corpo negro, que desfilava, levava consigo a momentânea redenção das mulheres negras que, de modo estereotipado, são relacionadas ao trabalho doméstico. Eram candidatas a rainhas. Saíam do fundo dos quintais mentais e eram colocadas diante da sociedade discriminadora. Passavam para a sala de visitas dos holofotes e primeiras páginas dos grandes jornais e revistas. O ritual dos desfiles permite, então, que haja a “inversão”: “As posições sociais ocupadas no cotidiano são neutralizadas ou invertidas” (DAMATTA, 1979, p. 47).

Embora estes alargamentos de espaço e visibilização da mulher negra na mídia nacional e internacional tenham se efetuado, a presença negra das misses nos desfiles era “responsabilidade” apenas do Renascença. No ano seguinte à eleição de Vera, o clube não voltou a participar do concurso, o que decretou o fim da participação de moças negras nos desfiles estaduais ou nacionais, já que nenhum outro clube jamais

---

<sup>11</sup> Vera estava entre as exceções.



apresentou uma rainha que não fosse loira ou morena.

As fotos de Vera Lúcia Couto no Hotel Quitandinha Palace<sup>12</sup> demonstra duas grandes estratégias principais: uma de que uma vez eleita miss Vera muda de condição social e ascende a um patamar superior. A outra é a representação da ausência de racismo na sociedade brasileira. No entanto, Vera Lúcia Couto representante da raça negra, que teria chegado ao ápice da carreira de Miss, não teve sua presença registrada em nenhum exemplar das grandes revistas em toda a década de sessenta, como modelo fotográfico, ao contrário de muitas outras misses que lograram receber título semelhante. Ao ser perguntada sobre esse fato, assim responde Vera:

Inclusive isso gerou uma certa polêmica. Não havia produtos de beleza para a mulher negra. Nós usávamos um pó adaptado. Pegávamos uma base mais escura. Aliás não, nem era base, era um panquaque mais escuro. Então não havia uma maquiagem específica prá mulher negra. Toda a Miss Brasil realmente saía nas páginas de Manchete fazendo propaganda de Helena Rubstein, que era a grande lançadora de beleza. Mas, não havia produto de beleza para a mulher negra (Vera, 56 anos).

Mais de quatro décadas após sua eleição, Vera Lúcia Couto ainda colocava na ausência de uma linha de produtos, específicos para mulher negra, a razão para a sua invisibilidade no ano da vitória e nos subsequentes. Ao fazê-lo ela deixa de realçar o fato de que as demais *misses* faziam propaganda para produtos diversos que não apenas os de beleza. A atitude de Vera em amenizar as representações discriminatórias de raça durante a sua trajetória entre as consideradas mais belas do país, é constante em sua fala:

E nos Estados Unidos outra coisa que eu percebi também foi que a comunidade negra americana ficou um pouco revoltada: - 'Porque que eu estava participando daquele concurso organizado por brancos se existia um grande concurso de beleza negra que era o Miss Ebony?' Eu respondi: - Ué, porque no meu país não existe esse separatismo como existe aqui, branco é branco e negro é negro. Não existe. Então, eu tinha que explicar as coisas mais ou menos assim. Que nós tentávamos igualar. Eu participei de um concurso tentando mostrar que a mulher negra era tão bonita como a mulher branca. Então participando ali ombro a ombro, não fazendo um separatismo que eu acho até que por questões sociais e econômicas não existe até hoje na realidade no Brasil. Então, a gente quer ir alí abrindo espaço prá nós nos igualarmos (Vera, 56 anos).

Esta análise de Vera a respeito da manifestação do racismo no Brasil assemelha-se a uma entrevista dada por ela em sessenta e quatro, quando em *Long Beach*, como

---

<sup>12</sup> Fundado em 1944, na Cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro, como uma construção magistral, para ser o maior hotel cassino da América Latina. Abrigou, por décadas a fio, a alta classe abastada do país.



candidata ao título de Miss Beleza Internacional: “No Brasil é diferente daqui. Lá somos todos iguais. Lá não tem racismo. Eu tenho esta cor porque sou filha de um branco e uma negra. Lá somos uma Democracia Racial” (REVISTA O CRUZEIRO, 1964b, p. 4).

A suposta inexistência de uma distância preconceitual entre brancos e negros, quando comparada aos Estados Unidos, aliado ao mito do senhor bondoso, e o estado de “primitivismo cultural”, influência da visão evolucionista de analisar as culturas da população negra, perfazia o aspecto singular da realização da raça no Brasil. Tais características eram um grande atrativo para que cientistas internacionais se deslocassem para os trópicos.

### PENSAMENTOS CONCLUSIVOS

Ao se estabelecerem como um clube e, ao se organizarem em torno da construção de uma identidade negra, os cidadãos negros do Renascença estavam, na verdade, fazendo “revolução dentro da ordem”, como diz Florestan Fernandes (1965). Não caberia, neste sentido, a análise de serem alienados e aderentes ao mundo do branco, já que é a insatisfação diante deste que os move no sentido de se estabelecerem enquanto um clube.

As sofisticadas nuances em que se configuraram as concepções raciais no Brasil, podem ser mais bem entendidas se analisarmos suas diversas origens. A sociedade brasileira vem, desde antes da República, sendo construída como o lugar da paz racial. Ainda assim, uma das maiores bandeiras do movimento negro tem sido tornar visível o racismo que aqui ocorre. Esta tensão entre o dito e o manifesto não tem se concretizado, no entanto, em oportunidades de reflexão a respeito deste inimigo fantasmagórico - o racismo - que se refaz diariamente.

Paralelamente, o ritual dos concursos de misses tão em voga até a década de sessenta, serve também, para pensar a sociedade brasileira nas suas atitudes raciais. A universalidade dos concursos de beleza, já que são realizados em grande parte do mundo ocidental, quando contrastados com as especificidades locais, podem se transformar, no caso brasileiro, num grande instrumento para entender as identidades raciais da nossa sociedade (COHEN, 1996). A eleição da rainha da beleza, *The Beauty Queen*, permite que este ritual transforme o mito da democracia racial em verdade



*incontest*, que deixa de ser mito e se transforma em realidade. Vera foi eleita depois de ter passado “igual” e “democraticamente” pelos mesmos processos rituais aos quais todas as moças de diversos gradientes de cor, exceto negras, foram submetidas, logo, poder-se-ia concluir que não havia discriminação alguma.

Vera se transforma, então, em bandeira viva de mestiçagem, produto nacional e, acima de tudo, da Democracia Racial. Assim, um clube, que justificou sua existência exatamente devido à discriminação racial sofrida por seus fundadores, tem uma representante sua, treze anos depois, transformando-se em arauto da Democracia Racial, sem que tivesse havido durante este tempo, apesar de afirmações da mídia em contrário, um arrefecimento da discriminação contra os negros no país (COSTA PINTO, 1953).

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADELMAN, Mirian; RUGGI, Lenita. Corpo, identidade e a política da beleza: algumas reflexões teóricas. In: SILVA, Cristiani Bereta da; ASSIS, Gláucia de Oliveira; KAMITA, Rosana Cássia. *Gênero em movimento: novos olhares, muitos lugares*. Florianópolis: Mulheres, 2007.

BARBOSA, Irene Maria Ferreira. *Socialização e relações raciais: um estudo de famílias negras em Campinas*. São Paulo: FFLCH/USP, 1983.

COHEN, Colleen Ballerino (Org.). *Beauty Queens on the Global Stage*. New York: Routledge, 1996.

COSTA PINTO, Luiz de Aguiar. *O Negro no Rio de Janeiro: Relações de Raças numa Sociedade em Mudança*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1953.

CRAIG, Maxime Leeds. *Ain't i a beauty Queen? Representing the ideal black woman*. New York: Oxford Press, 2002.

DA MATTA, Roberto A. *Carnavais Malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

DOMINGUES, Petrônio. A cor na ribalta. *Ciência e Cultura*, v. 63, n. 1, 2011, p. 52-55.

FÉLIX, João Batista de Jesus. As primeiras formas de lutas contra o racismo no Brasil republicano. *Tempo da Ciência*, v. 16, n. 32, 2009, p. 67-80.

FERNANDES, Florestan. *Sociedade de classes e subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, 1990.



JORNAL CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro. Caderno 2, Edição de 18 de junho de 1964.

LOPES, Maria Aparecida. *Beleza e ascensão social na imprensa negra paulistana (1920-1940)*. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2002.

MENDES, Miriam Garcia. *O Negro e o Teatro Brasileiro (entre 1889 e 1982)*. São Paulo: Hucitec, 1993.

NACIF, Maria Cristina V. Confecção de trajes e mão-de-obra, no Rio de Janeiro, nos primeiros cinquenta anos do século XX. In: VILHAÇA, Nízia; CASTILHO, Kátia. (Org.). *Plugados na moda*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2006.

NASCIMENTO, Abdias de. *O Negro Revoltado*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

OLIVEIRA, Nucia Alexandra Silva de. A beleza que se compra... O gênero que se constrói: uma análise de anúncios publicitários de produtos de beleza para homens e mulheres (1950-1980). In: SILVA, Cristiani Bereta da; ASSIS, Gláucia de Oliveira; KAMITA, Rosana Cássia. *Gênero em movimento: novos olhares, muitos lugares*. Florianópolis: Mulheres, 2007.

PONGETTI, Henrique. Queremos a Mulata. *Revista Manchete*, ano, 11, n. 597, edição de 6 de julho de 1963.

REVISTA O CRUZEIRO. Rio de Janeiro, Diários Associados, Ano 36, n. 48, 5 set./1964<sup>a</sup>.

REVISTA O CRUZEIRO. Rio de Janeiro, Diários Associados, Ano 36, n., 47, 29 ago., 1964b

RISÉRIO, Antônio. *Carnaval Ijexá*. Salvador: Corrupio, 1981.

VIGARELLO, Georges. *História da beleza: o corpo e a arte de se embelezar do renascimento aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

*Recebido em novembro de 2013  
Aprovado em janeiro de 2014*